

*A exposição como um capítulo perdido
do romance: a primeira edição de Jusep
Torres Campalans, de Max Aub*

The exhibition as a novel's lost chapter: the first edition of
Max Aub's Jusep Torres Campalans.

Reginaldo da Luz Pujol Filho¹; Ricardo Araújo Barberena²

Resumo: As ideias aqui trabalhadas integram o ensaio *Charlie Brown não frequenta museus de arte*, parte de minha tese de doutorado, na qual analiso, entre outros temas, a emergência da exposição de artes, do espaço expositivo e dos museus como lugar de leitura e narrativa, ou um gênero literário. No presente artigo analiso o caso do livro *Jusep Torres Campalans*, publicado pelo franco-espanhol Max Aub, em 1958. O ponto central é a relação estética e de sentido da narrativa contida no livro com os eventos (especialmente uma exposição de pinturas atribuída ao personagem-título) e a “lenda” que cercaram a obra. A análise procura entender o livro e os eventos como uma obra só, abrindo espaço para pensar a extrapolação do objeto livro, a proposta de Max Aub como um escritor artista e suas relações com movimentos muito contemporâneos das artes visuais.

Palavras-chave: Max Aub; Jusep Torres Campalans; narração; artes visuais; exposição

Abstract: *the ideas developed in this article are part of the essay Charlie Brown não frequenta museus de arte (one of the three parts of my PhD thesis) in which I analyze, among other subjects, the emergence of the art's exhibition, the exhibition space and the museum as a place to read and narrate. Or as literary*

¹ Escritor, Doutor em Letras – Escrita Criativa – pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Este artigo não seria possível sem a bolsa Capes recebida ao longo da pesquisa, bem como a bolsa para o Doutorado Sanduíche (CNPq) realizado na Universidade de Barcelona em 2018.

² Professor do Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pesquisador CNPq (PQ), diretor do Instituto de Cultura da PUCRS. Foi o orientador do presente trabalho.

genre. In this article I analyze the case of the book Jusep Torres Campalans, published by franco-spanish author Max Aub in 1958. The central point is the relationship between the narrative inside the book, the events (especially in the exhibition of paintings claimed to be by Jusep Torres Campalans, the title-character) and the “legend” about the book. The analysis tries to figure out the book and the events as a single work, making room to think about the extrapolation of the book as literary form, and to think about Max Aub as a writer-artist and his relations with very contemporary art works.

Keywords: Max Aub; Jusep Torres Campalans; narration; visual arts; exhibition

Começo com uma espécie de autorretrato:

Chego da rua, e o porteiro me entrega um pequeno pacote. O embrulho, com remetente de Madri, me faz lembrar de uma ansiedade que parecia adormecida. Já fazia o quê? Três, quatro meses, que eu havia encomendado no Iberlibros uma edição de *Jusep Torres Campalans*, livro já mítico para mim. Havia procurado por ele em sebos do Brasil, em importadores, em livrarias de Buenos Aires, nos expositores da área internacional da Feira do Livro de Porto Alegre, de 2015, havia pedido a um amigo que passaria férias no Uruguai, e nada. Às vezes, pensava que era como se a existência do livro escrito por Max Aub fosse tão real quanto a de seu protagonista, um fictício pintor cubista que, apesar de fictício, muita gente jurou ter conhecido (na realidade) nos anos 1950.

Então, um poeta catalão com quem eu havia trocado alguns e-mails me disse: Iberlibro, o mais fácil será encomendar via Iberlibro. E é impressionante como, nessa aceleração toda do mundo, existe algo que não ficou mais rápido, ou parece ser ainda mais lento porque o resto todo é tão veloz: o envio internacional de livros pelo correio. Eu já nem me lembrava do livro – ou havia desistido, pensando em como os correios podem ser kafkianos e as coisas desaparecem e chamadas e protocolos são abertos e nada acontece. Entretanto, agora, o volume estava na minha mão.

No elevador, já fui abrindo o pacote, ansioso, porém cuidando para não rasgar aquela embalagem simpática que me dizia “Libros para un mundo mejor”. Era o nome da livraria madrilenha, onde eu havia encontrado o *Jusep Torres*. Já sentado no sofá de casa, lendo as primeiras páginas, dando umas folheadas curiosas para a frente, tentando entender como o livro se organizava, comecei a ter pontadas de frustração e pensamentos que tentavam explicar: como aquele livrinho tão modesto havia enganado tanta gente? As reproduções em preto e branco dos quadros *pintados* por Jusep Torres não me convenciam

muito. Mas esses eram os limites técnicos da época, eu tentava argumentar para mim mesmo. E o leitor de 1958, 1959, acostumado com essas limitações, deixava-se levar, completava, ainda tentando me convencer. Basta pensar em como efeitos especiais do cinema que eram espetaculares nos anos 1980, hoje podem parecer toscos, evidentes. Na época do lançamento, essa obra devia ser absolutamente crível, eu me esforçava para crer.

Afinal, aquele era *Jusep Torres Campalans*, o (entre aspas) romance, a narrativa da qual a professora Anna Caballé, já havia quase um ano, tinha falado na sua aula, vejam só, na sua aula dedicada à biografia, à autobiografia e à memória. Uma narrativa de ficção tem que ser muito potente para ser comentada nesse contexto, ainda mais quando envolta com as referências que a professora trazia: a lenda ao redor do livro, os relatos sobre como as pessoas acreditaram na existência do protagonista, sobre como apareceram conhecedores da obra do artista fictício, a respeito da catalogação equivocada do livro, indo para sessões de biografias ou artes nas livrarias.

Segui lendo, tentando ver a magia, argumentando em debates mentais sobre as forças do livro, relativizando-o em relação ao seu tempo. Segui.

Em 1955, fui convidado para dar uma conferência em Tuxtla Gutiérrez, capital do estado de Chiapas. ‘Melhor aqui – disse – do que em outro lugar do México, está bem celebrar aqui os trezentos e cinquenta anos da primeira parte do Quixote. Miguel de Cervantes, em 1590, solicitou ao Rei ‘o governo da província de Soconusco’. Outros foram os arranjos das graças e da burocracia, que costumam dar-se bem; mas, sem dúvida, o *Quixote* poderia ser *chiapaneco* e, talvez devesse ser, porque ele foi para o romance o seu novo mundo’.

Uma noite na livraria de *la Plaza*, falando com um jovem poeta local, fui apresentado a um homem alto, de pele escura, seco, a quem chamam ‘don Jusepe’ (AUB, 1975, p. 13, tradução nossa).

Essas são as primeiras linhas de *Jusep Torres Campalans*. Um Max Aub, fazendo um triplo papel de autor, narrador e personagem, começa a obra em um possível diálogo com Dom Quixote, falando de um certo “don Jusepe” que, na verdade, assim como “*Quijada, Quesada... Quijana*”, não será Jusepe, mas Jusep.³

Contudo, penso que o livro poderia ter outro começo. A versão que está nas bibliotecas inicia no ano de 1955, conforme trecho acima, no encontro do autor com Jusep Torres Campalans, nos seus primeiros contatos com esse desconhecido. Depois desse

³ “Jusep” é um nome raro, para não dizer inexistente em catalão, sendo muito mais comum Jusepe. O que explica que as pessoas, no livro, se apressem a chamar o Jusep Torres de Jusepe.

primeiro evento, revela-nos sobre a descoberta sobre quem era Jusep Torres e mergulha no passado para contar a biografia desse secreto pintor catalão, contemporâneo e amigo de Picasso, contemporâneo e desafeto de Gris. E segue, em flashback, fazendo a reconstrução do percurso do biografado desde a infância, no interior da Espanha, até o exílio, no interior do México. Se você abrir qualquer edição da obra, é assim que ela começa.

Quero crer, porém, que o livro poderia também começar em outra data, três anos para a frente, não em 1955, mas em 1958, com o narrador-autor-personagem contando para os leitores sobre a exposição que ele organizou na cidade do México, na galeria Excelsior. A mostra para apresentar pinturas e desenhos do pintor catalão redescoberto por Aub. Nessa proposta alternativa de começo para o livro, iniciando a narrativa em 1958 e não em 1955, Aub descreveria o público presente no dia da abertura: jornalistas, críticos, pessoas que afirmavam já conhecer o trabalho de Campalans.

Mais do que isso, o autor-narrador-personagem relataria o sucesso de vendas dos quadros, contaria o grande momento de renascimento de uma lenda, reconstruindo a história de como se havia chegado àquela exposição.

Ou melhor: pode-se propor que todas as pessoas que foram à exposição *Jusep Torres Campalans*, que, de fato, ocorreu em 1958 na galeria Excelsior, poderiam escrever uma história ao estilo de Borges (ou seria de Max Aub mesmo?⁴), contando algo como:

No dia dois de julho de 1958, visitando a galeria Excelsior, na exposição do recém-descoberto pintor cubista Jusep Torres Campalans, comprei a biografia monográfica do artista, escrita pelo hispanomexicano Max Aub, também organizador da exposição. Após ter meu exemplar assinado por Aub, algo curioso se deu: retirei-me a um canto da galeria, de onde tinha uma visão panorâmica do evento e abri o livro recém adquirido. Ao folhear o volume, ali mesmo naquele espaço, percebi uma impossível sincronicidade: o relato que eu lia coincidia, palavra a palavra, com o que se passava naquele exato momento na galeria. Horrorizado, procurei nos olhos dos demais presentes o mesmo espanto e não encontrei. Temendo ser vítima de algum tipo de confusão mental, talvez

⁴ Luis Camnitzer: “o crítico mexicano Cuauhtémoc Medina coloca o trabalho de Aub, junto ao conto de Borges ‘Pierre Menard’, como uma das contribuições latino-americanas *avant la lettre* ao pós-modernismo hegemônico. Borges se limitou a descrever um escritor que tentou criar uma versão original, mas idêntica, do *Dom Quixote* de Cervantes. Aub, contudo, armou um personagem completo e crível com sua vida e trabalho” (2007, p. 116-117, tradução nossa).

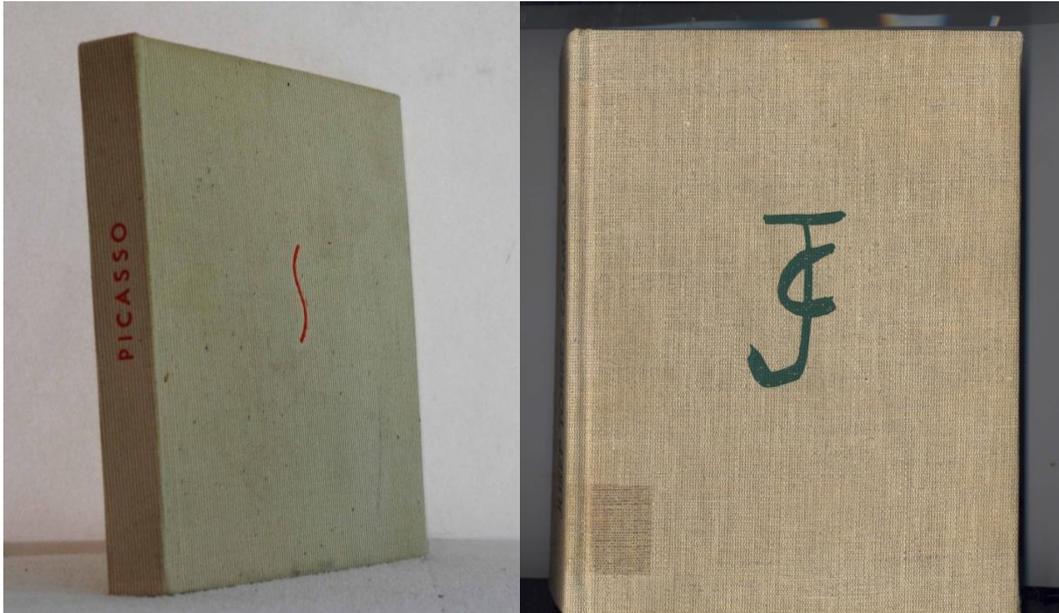
fruto do sufocamento provocado pela multidão que ocorria ao evento, saí apressado. Quando dei por mim, estava em casa, sentado, com o volume nas mãos. Abri-o novamente. E o espanto se dobrou: aquelas páginas tão fiéis aos eventos vividos na exposição já não estavam mais ali.

Por que me arrisco nesse sentido?

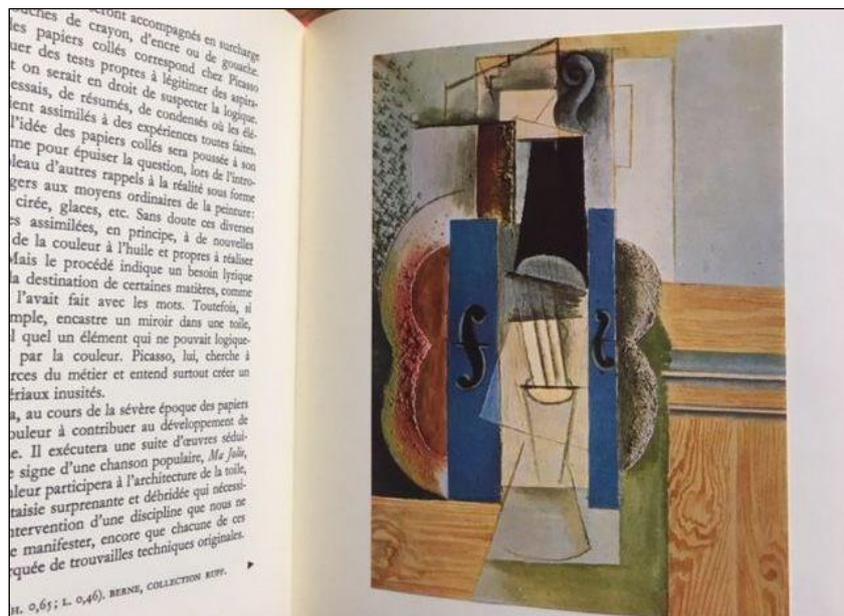
A primeira edição de *Jusep Torres Campalans*, editada, impressa e lançada no México, onde Max Aub estava exilado desde 1942, além de ser um livro, enquanto objeto, muito diferente da edição que consegui comprar pela internet, também foi uma experiência narrativa bastante diversa do que seria possível para qualquer leitor ou leitora vivenciar atualmente. Esse livro de Max Aub, que narra vida e obra de um pintor cubista influente no nascimento do movimento, mas que ficou esquecido na história até ser redescoberto ao acaso por Aub, esteve longe de se resumir a um texto. Aub preocupou-se em fazer um livro, não simplesmente escrever uma narrativa.

Isso quer dizer que, para os efeitos desejados por ele, não bastava imprimir páginas com palavras e frases com determinada ordem e sentido. Importava, em muito, a forma da página, a disposição de elementos gráficos, o tipo de capa, de papel, de impressão. Para dar o tom desejado de “monografia de artista”, Aub inspirou-se com muita fidelidade em modelos que poderiam atribuir o efeito de realidade que ambicionava para sua criação.

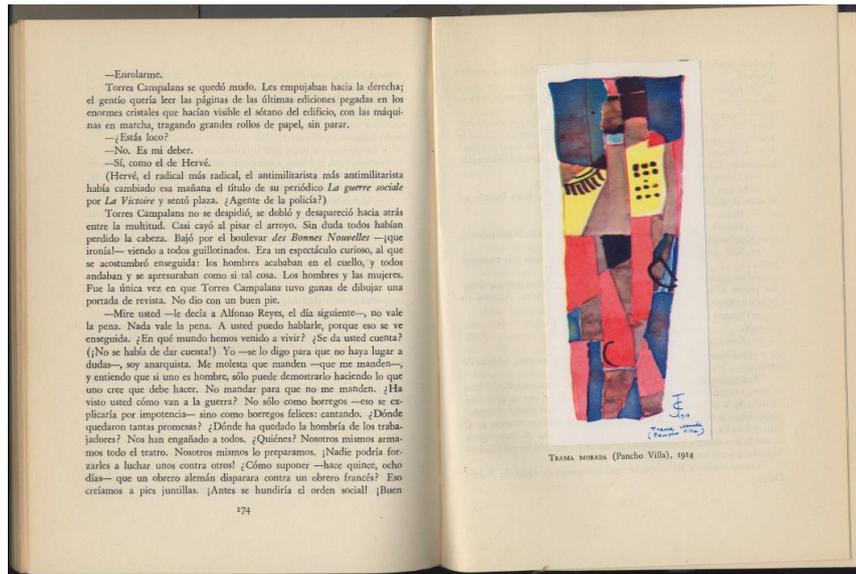
Não bastava o texto vir recheado de dados reais, fontes aparentemente críveis, declarações e nomes como Jean Cassou, então diretor do Musée National d'Art Modern de Paris. Era preciso mais. “Definição da arte: fazer da mentira verdade” (AUB, 1998, p. 290), anotava o escritor em seu diário no dia 29 de abril de 1957, ano em que terminava o projeto de *Jusep Torres Campalans*. Para fazer da mentira verdade, acompanhamos Jareño (2015), entre outros autores que já examinaram em minúcias o processo de criação de *Jusep Torres Campalans*. Ele diz que Aub, controlando o processo de edição do livro como um todo, buscava imitar, em estrutura de texto e em aparência física, os livros da coleção *Le goût de notre temps*, da editorial Skira, de Paris, que publicava uma série de estudos monográficos sobre artistas plásticos, incluindo Picasso – o volume dedicado ao nome central do cubismo teria sido a base para a concepção de *Jusep Torres Campalans*.



À esquerda, o volume dedicado a Picasso pela Skira; à direita, a capa (sem a sobrecapa) da primeira edição de *Jusep Torres Campalans*.



Interior da edição dedicada a Picasso pela Skira



Interior da primeira edição de *Jusep Torres Campalans*.

Se puder aproximar os olhos das páginas, vale a pena atentar para a sofisticação dos livros da Skira, nos quais o mais provável é que as imagens dos trabalhos de Picasso tenham sido coladas manualmente na página. As reproduções das obras são feitas em papel especial, aplicadas no livro e não impressas diretamente. Destacam-se da impressão do texto, adquirem volume, como um quadro na parede.

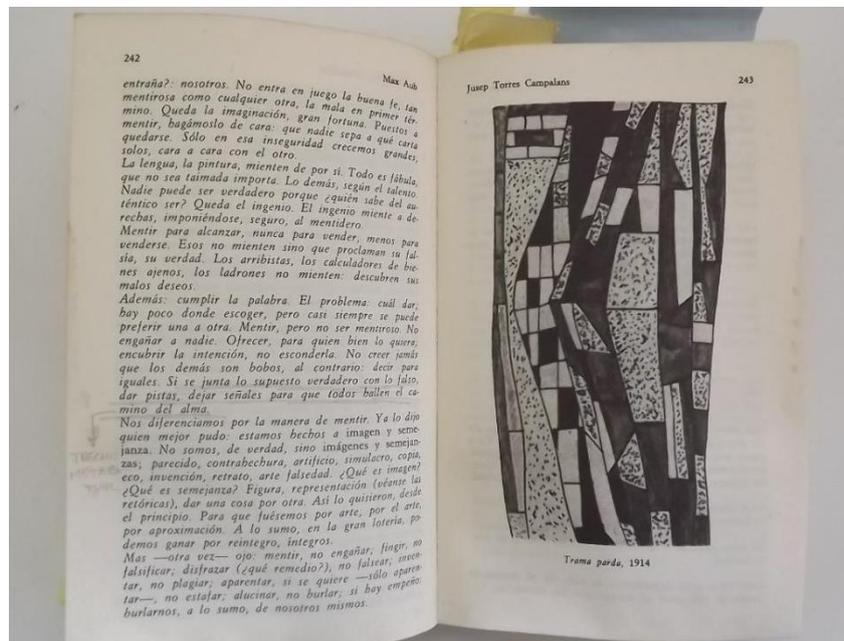
Um detalhe de acabamento, assim como a capa dura, forrada com tecido, com um monograma estampado no centro, que foi respeitado nos mínimos detalhes na edição do livro de Max Aub (a diferença é que em *Jusep Torres Campalans*, o monograma é do próprio artista, enquanto nas edições da Skira o monograma é da editora), com direito a obras pintadas pelo escritor, reproduzidas em papel fotográfico com grande qualidade no interior do livro. Some-se a este recurso a inclusão de “fotos do artista”, de sua família e até de uma manipulação fotográfica que inclui um suposto Jusep Torres ao lado de Pablo Picasso. O cuidado, porém, transcendia objeto, estrutura e emulação da linguagem textual das monografias da Skira.

Para o lançamento, como refere Jareño, podemos falar da montagem de uma verdadeira “operação Jusep Torres Campalans”. Em vez de simplesmente lançar o livro e a lenda de que a obra tratava de um artista que havia vivido no México até poucos anos – o que poderia já soar bastante convincente – foi-se muito mais longe. Max Aub, que já havia produzido com as próprias mãos os desenhos e as pinturas de Jusep Torres que ilustrariam o volume, com o apoio do jornal *Excelsior* e da editora Fondo de Cultura

Económica, organizou e divulgou a exposição cuja inauguração serviu como evento, no qual o livro foi lançado como se fosse um documento histórico, biográfico:

Em meio a uma grande expectativa gerada pelo jornal *Excélsior*, que publica sete artigos antecipatórios em apenas um mês, em 2 de julho de 1958, inaugura na galeria que o jornal possui na capital mexicana uma exposição de óleos, aquarelas e desenhos de Jusep Torres Campalans (JAREÑO, 2015, p. 68).

Salto de 1958 para 2016. Retomo minha relação ambivalente com o volume *de bolsillo* da Alianza Editorial que recebi pelo correio. Seu formato diminuto (11 x 18 cm), sua simplicidade de livro de bolso, sua falta de pretensão estética como objeto visual e tátil, inclusive com menos imagens do que a edição original, não tem condições de oferecer toda a narrativa articulada por Max Aub – e parceiros. Fica muito aquém⁵.



Jusep Torres Campalans, edição de bolso (1975) da Alianza Editorial

⁵ Nesse sentido, para além de inserir-se (voluntária ou involuntariamente) no que já poderíamos chamar de uma tradição ou gênero de livros de artista (ou livros de criação, como prefere Melot [2012]), prática que se anuncia já há mais de um século (“Se não sabemos definir o ‘livro de criação’, sua história é bem conhecida. Ele tem mesmo certidão de nascimento: 1874. Data da publicação do poema *Le Fleuve* de Charles Cros, ilustrado por Manet e impresso em grande formato, com refinamento estético [MELOT, 2012, p.162]), seria possível dizer que Aub também, sem saber, estava antecipando-se e se impondo na discussão sobre livro e literatura na internet. A primeira edição de *Jusep Torres Campalans* é daquele tipo de publicação que me faz insistir em uma diferenciação: a de que se pode escrever textos e de que se pode pensar (ou criar) livros. Textos podem ser replicados em qualquer suporte sem prejuízos. Obras-pensadas-enquanto-livros são livros em sua especificidade e são perdidas ou modificadas (portanto, deixam de ser o que eram) quando vão para uma tela, ou são impressas depois de baixadas da internet. Mas isso é tema de outro ensaio – no qual estou trabalhando.

Será impossível responder a uma pergunta que me faço, mas ainda assim me indago qual teria sido minha leitura de *Jusep Torres Campalans* sem haver sido contaminado antecipadamente pela lenda. Estaria menos predisposto a achá-lo crível (pois não saberia que essa era a reação esperada), ou me surpreenderia mais, apesar da simplicidade da edição? Tendo a ficar com a primeira hipótese. O fato, porém, é que, embora Max Aub, que faleceu em 1972 (jogando xadrez com Buñuel, relata Camnitzer [2007]), nos anos seguintes ao lançamento de Jusep Torres Campalans – e em quase todos os 14 anos em que ainda viveu –, tenha seguido alimentando a existência e a narrativa do pintor catalão, apesar disso o mundo editorial não ajudou no seu intento.

É verdade que as duas primeiras edições traduzidas do livro, em 1961 na França (pela Gallimard) e em 1962 nos Estados Unidos (pela Doubleday), seguem em parte o *script* produzido para o original mexicano. Na França, com o apoio de André Malraux (sim, do *Museu imaginário*, e então Ministro da Cultura⁶), de Jean Cassou (como já dito, diretor do Museu de Arte Moderna de Paris, e personagem decisivo dentro das páginas de Jusep Torres), entre outros, o livro sai em bela edição – com direito a um minicatálogo da exposição do México na contracapa –, amparado por materiais de divulgação e suporte dos companheiros franceses de empreitada que ajudaram a ecoar o projeto.

Em 1962, nos Estados Unidos, foi lançada uma edição bastante aproximada da mexicana e aconteceu uma exposição na Bodley Gallery com quadros novos, uma vez que várias pinturas da primeira mostra haviam sido vendidas. Entretanto, a essa altura a farsa já não se sustentava mais. Quatro anos haviam se passado, e a recepção (positiva) do livro já o tratava – sem dúvidas ou questionamentos – como uma ficção, como uma hilariante crítica ao modernismo, segundo Jareño (2015). Ainda assim, Aub seguiu alimentando a existência de Jusep Torres, assinando com o nome do fictício artista catalão, durante algum tempo, artigos mensais na *Revista de la Universidad de Mexico*, além de incluí-lo lateralmente em outros projetos seus.

Destaca-se a experimentalíssima publicação *Juego de cartas*, um livro-baralho, exatamente no formato de um jogo de cartas (vinha em uma caixinha cujo conteúdo eram

⁶ A quem Aub dedica a edição mexicana. Também devemos lembrar que Max Aub nasceu na França (foi muito pequeno para a Espanha, tornando-se cidadão espanhol) e na década de 30 viveu em Paris, trabalhando no serviço diplomático espanhol até fugir para o exílio em 1942.

as cartas etc.), que trazia em cada número desse baralho literário um pequenino conto. As histórias poderiam se embaralhar e se somar em um jogo narrativo. Nesse projeto, Jusep Torres surge como o autor das ilustrações do baralho. É possível admitir que alguém que não tenha tido contato nem com a história do livro que narra a vida do pintor nem com a exposição possa chegar ao nome do catalão pela primeira vez por meio de *Juego de cartas*. E, nesse percurso invertido, aí reacender a existência do personagem, acreditando na sua presença no mundo na condição de artista que ilustrou a obra-baralho.

Não foi só em *Juego de cartas* que Aub forneceu nova existência ao pintor. Ele também é citado na terceira parte de *Vida y obra de Luis Álvarez Petreña*, obra tripartida publicada em três momentos distintos. As três partes do livro, ao longo de quase quarenta anos, foram se somando a cada nova publicação, formando um novo e maior livro com o passar do tempo. A primeira parte data de 1934 (sendo titulada, assim como *Jusep Torres Campalans*, apenas com o nome do protagonista, *Luis Álvarez Petreña*) e a última, que completou o volume, é de 1971. Nesta aparição, o narrador cita Campalans junto ao nome de outros pintores que, de fato, existiram.⁷

Porém, as sucessivas publicações de *Jusep Torres Campalans* em diversos países, abandonando o aparato inicial, incluindo prefácios e apresentações do livro e adotando – na maioria dos casos – edições cada vez mais simplificadas (na escolha de materiais, no acabamento estético), somaram-se ao passar dos anos, ao correr da informação e foram anulando os esforços para manter a vida de Jusep Torres pulsante fora das páginas.

Apesar de respeitar que a ação do tempo e o correr das informações tiveram e ainda têm papel decisivo em esfumazar essa existência, que é impossível sustentar seu impacto inicial de ilusão, quero crer que a despreocupação, ao longo das edições, com a forma do objeto original mexicano também colabora bastante para a quebra ou para sequer produzir a ilusão. O livro deixa de parecer com um livro sobre arte e passa a ser um livro comum de contação de histórias fictícias. Perde a aparência de monografia sobre Picasso e ganha o aspecto de um romance de Agatha Christie.

⁷ Embora difira muito em estrutura, em recurso e em esforços extra-livro, *Vida y obra de Luis Álvarez Petreña* é uma obra-irmã de *Jusep Torres Campalans*. Com muito menos força e alcance busca criar a existência do escritor que dá título ao livro. A semelhança de projetos se confirma no fato de as duas obras terem sido reunidas num volume só, debaixo do título *Dos vidas imaginarias*.

A sensação que fica é que o primeiro *Jusep Torres Campalans* foi um livro com funcionamento performático. Ou melhor, foi mais do que o livro. O livro fez parte da composição de uma narrativa como acontecimento que se deu no tempo e no contexto específicos. Os tempos desse livro não se limitam à tradicional partição entre tempo de leitura do leitor e o tempo transcorrido na ação dos personagens. Há os tempos do acontecimento-livro, do acontecimento-exposição, do acontecimento-imprensa e do acontecimento geral que une todos os outros e ecoa. Um trabalho com duração (limitada, como uma performance) nos seus efeitos e alcances, ao contrário da estabilidade e permanência de um livro. Irrepetível.

Não se pode, hoje, retirar da estante de uma livraria ou biblioteca o livro com o título *Jusep Torres Campalans* e encontrar um exemplar idêntico aos de 1958. Algo ou muito daquela primeira edição de 1958 se perdeu (porque não estava colocado no papel). Como uma pedra atirada no centro de um lago, a intensidade de sua irradiação vai diminuindo à medida que se afasta do tempo e do espaço de origem. E, à medida que as edições vão sendo precarizadas, vai convertendo-se num souvenir que compraríamos como uma tímida lembrança do que foi o evento, na lojinha localizada na saída da exposição.

A recepção de *Jusep Torres Campalans* se torna, com o passar dos anos, mais potente pelo que se conta a seu respeito do que pelo contato com a publicação em si. Um livro que narra, mas que exige também ser narrado, como tantas obras de arte contemporânea. Os felizardos que têm a oportunidade de ter contato com a primeira edição – bastante rara, ou ao menos cara⁸ – terão uma experiência um pouco mais aproximada da original. Ao menos enfrentarão um objeto mais imponente e ambicioso, que se anuncia como mais do que um livro de ficção.

Contudo, a referência às edições da Skira será sempre para poucos, muito poucos – para aqueles que estudam ou leram sobre o assunto. A lenda lançada nos jornais, a exposição dos quadros recém-descobertos, nunca mais. Estes capítulos publicados do lado de fora do livro de 1958 se perderam como um volume de enciclopédia encontrado por Borges na Biblioteca Nacional.⁹

⁸ No momento em que escrevo, a mais barata que se encontra na internet beira os 100 euros, mais custos de envio (a mais cara chega perto dos 200 euros).

⁹ É preciso, por justiça à vida e à obra, tanto de Aub quanto de Campalans, fazer registro de um evento ocorrido em 2003. Em comemoração ao centenário de Max Aub, foi inaugurada no Museu Reina Sofia, em Madri, a exposição *Jusep Torres Campalans: ingenio de la vanguardia*. Nesta exposição, a obra de

Se se trata de gesto irrepetível, capítulo ou volume perdido, por outro lado Max Aub e seu pintor catalão seguem falando vivamente hoje. Talvez essa performance de 1958 encontre pares nessas primeiras décadas do século 21, especialmente em artistas visuais – um grupo específico e, acredito, crescente de artistas que fazem artes visuais com técnicas e recursos literários e narrativos¹⁰.

Não é por acaso que Luis Camnitzer (2007) acredita que na América Latina a literatura, sobretudo Borges e Max Aub (muito especificamente com *Jusep Torres Campalans*) foram os grandes alimentos que fomentaram a arte conceitual¹¹. E quero crer exatamente que Aub não está aqui somente por narrar. Mas por suas estratégias e modos de fazê-lo. Não é difícil perceber que a aparição de *Jusep Torres Campalans* no México, em 1958, traz pontos de contato, movimentos e estratégias que poderiam ser colocadas com a produção de artistas contemporâneos. Cito, por exemplo, a orquestração consciente de fatos-como-elementos-narrativos, a colaboração com outros agentes do sistema da arte (o museu, o jornal, o intelectual), a manipulação do clichê e do jargão. Isso está em Aub, mas também no trabalho *Souzousareta Geijutsuka*, de Yuri Firmeza¹².

Há também, no interior do livro e na criação de quadros originais da exposição, o recurso da manipulação fotografias, imagens e objetos para burlar com o fim de recuperar a memória de alguém “apagado da história”. Esse ângulo de observação permite pensar no fotógrafo, artista, ensaísta e, eu diria, narrador catalão Joan Fontcuberta e seus projetos de “exposições históricas” como *Sputnik*¹³.

Campalans era exibida e contextualizada junto à de seus contemporâneos, num jogo bastante divertido e interessante. Mas não acredito que alguém tenha saído da exposição crendo, de novo, na existência de Campalans. Nem era esse o objetivo.

¹⁰ Desenvolvo com mais detalhe esse raciocínio no ensaio *Charlie Brown não frequenta museus de arte*, que compõe minha tese de doutorado na área de escrita criativa junto com uma narrativa literária que se apresenta na forma de um livro e de uma exposição.

¹¹ “O conceitualismo latino-americano se alimentou tanto da poesia e da literatura, quanto da política e dos antecedentes artísticos” (CAMNITZER, 2007, p. 116).

¹² Em 2006, convidado a participar do projeto *Artista invasor*, do Centro Cultural Dragão do Mar em Fortaleza (CE), no qual poderia ocupar uma sala inteira do espaço, Yuri Firmeza não apresentou instalações, esculturas ou quadros. Nem mesmo uma performance. Criou a narrativa sobre a exposição do artista japonês Souzousareta Geijutsuka (que em japonês quer dizer Artista Inventado) que ocorreria no Centro Cultural. Com releases, entrevistas, etc., levou a exposição do fictício artista a ser divulgada com destaque pela imprensa cultural do Ceará e até de outros estados. No dia da abertura da exposição, o que se encontrou foi o registro do processo de concepção do artista e o *clipping* relativo à exposição inventada.

¹³ A exposição *Sputnik* teve sua primeira montagem em 1997. Remontava exposições de ciências e de história com fotos históricas, páginas de jornal, documentos, medalhas, réplicas de módulos espaciais, uniformes militares e textos para narrar a surpreendente história do duplo desaparecimento do cosmonauta russo Ivan Istochnikov. Duplo porque ele primeiro desapareceu no espaço, durante uma pioneira manobra

Também poderíamos pensar em trabalho ainda mais recente. Falo do uso da exposição como atestadora da narrativa e da narrativa como atestadora da exposição, além de uma complexa articulação de elementos que falam isoladamente, mas se fortalecem somados, como fez Damien Hirst em seu monumental projeto *Treasures from the wreck of unbelievable*¹⁴. Max Aub e Damien Hirst descobrem coleções artísticas perdidas ou esquecidas e misturam, cada um a seu modo, suas biografias com estas narrativas como forma de atestar a veracidade e ao mesmo tempo lembrar do seu potencial de ficcionalidade – afinal, não são historiadores, arqueólogos ou críticos que atestam as descobertas. São artistas, narradores, criadores.

Pergunto, então, se Max Aub estava fazendo artes visuais, inaugurando no México a arte conceitual, com Jusep Torres sendo uma performance, uma ação, uma instalação? Ou estaria ele se antecipando, dando a primeira palavra num diálogo que prossegue hoje com artistas e escritores que, voluntaria ou involuntariamente, tem discutido e ampliado as possibilidades e os suportes do literário? O certo é que, se *Jusep Torres Campalans* chega aos dias de hoje, ainda rende artigos, tem exemplares vendidos a centenas de euros e provoca essas perguntas é porque não era e nunca será apenas um livro. É um livro que tem um capítulo feito de tijolo, concreto, cimento, luzes, quadros, sons, notícias no jornal, comentários boca a boca. É um livro que tem uma exposição como capítulo decisivo. Mesmo que esse capítulo esteja perdido em alguma biblioteca borgeana por aí.

Referências

AUB, Max. **Jusep Torres Campalans**. Cidade do México: Fondo de Cultura, 1958.

AUB, Max. **Jusep Torres Campalans**. Madri: Alianza, 1975.

AUB, Max. **Vida y obra de Luis Álvarez Petreña**. Barcelona: Seix Barral, 1971.

de acoplagem de módulos espaciais, sem deixar vestígios ou pistas do que haveria acontecido. E depois foi desaparecido da história, apagado de fotos e arquivos pelo regime soviético para que este segundo desastre de grandes proporções no seu programa espacial jamais viesse a público. O detalhe é que este astronauta não existiu na vida real. Contudo, muita gente, inclusive programas de TV, à época acreditaram na história e a contaram como se fosse verdadeira.

¹⁴ O artista britânico criou uma narrativa épica sobre a descoberta de um antigo naufrágio, no qual teria sido descoberto o espólio de monumentos e tesouros que um certo Cif Amotan II teria reunido entre os séculos 1 e 2 d.C. Para dar forma à essa história, Hirst produziu um falso documentário no qual narra o resgate dos tesouros (lançado na Netflix) e ocupou dois gigantescos museus particulares em Veneza com a exposição desses “tesouros” – todos eles criados pelo artista –, com suas respectivas narrativas.

AUB, Max. **Diarios** (1939-1972). Barcelona: Alba, 1998.

CAMNITZER, Luis. **Conceptualism in latin american art: didactics of liberation**. Austin: University of Texas Press, 2007.

FIRMEZA, Yuri. (Org.). **Souzousareta Geijutsuka**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

JAREÑO, José María de Luelmo. “No lo suelen llamar Arte, pero lo es”. Estrategias y modos artísticos en Jusep Torres Campalans, de Max Aub. **Literatura Mexicana**, v. 26, n. 2, 2015, pp. 67-96

MELOT, Michel. **Livro**. São Paulo: Atelier Editorial, 2012.

Como citar:

PUJOL FILHO, Reginaldo da Luz; BARBERENA, Ricardo Araújo. A exposição como um capítulo perdido do romance: a primeira edição de Jusep Torres Campalans, de Max Aub. **Papéis**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (ISSN 2448-1165), Campo Grande, MS, vol. 24, n. 48, p. 104-117, jul-dez, 2020 [2023].